

## UMA CAPELA SETECENTISTA MINEIRA.

*JOSÉ FERREIRA CARRATO*

Do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Antes de tudo, é preciso recordar que Portugal não teve uma arquitetura religiosa digna do nome, principalmente nas Beiras, que ainda hoje ostentam suas capelas simples e humildes, apenas revelando, através de suas formas atarracadas, a primitiva feição românica, que o tempo e os fabriheiros desfiguraram.

Ora, o Irmão Lourenço de Nossa Senhora, fundador do Hospício da Serra do Caraça, nas Minas Gerais do século XVIII, não fez muito diferente das pequenas ermidas beiroas a sua Capela. Na sua construção, não cuidou de arquiteturas nem de riscos. Sabia que tinha poucos recursos, precisava erguer o mais rapidamente possível o seu eremitério. E o fez, sem perda de tempo. Se não se pode anotar a data exata da sua chegada à Serra, pode-se afirmar com certeza que a sua primeira iniciativa foi a ereção da Capela. E' certo que ali,

“aexpencis suis, edos Fieis fes huma Capela com ainvoação da Senhora May dos Homens e aconcluiu”

— como escreve o Ermitão ao Príncipe-Regente, em seu “1º Requerimento”, de 1802, que fomos achar no Arquivo Histórico Ultramarino, de Lisboa, em 1964 (1). Em 24 de março de 1774, “erigio” — volta a repetir êle, em outro documento —

“em distancia de trez legoas da Matriz, ou Igreja Parrochial de N. Sra. da Conceição de Catas Altas, hua Capella da invocação da Senhora May dos Homens, e S. Francisco das Chagas, precedendo Licença do Ordinário, que então era o D.or Francisco Xavier da Rua Governador Provizor, e Vigario geral do Bispado de Marianna pelo Exmo. Rmo. D. Bartholomeo Manoel Mendes

---

(1). — “1º Requerimento” do Irmão Lourenço (AHU, MG, Caixa 70, fls. 45).

dos Reis, tendo doado p. seu guizamento e misteres hua Sesmária com todas as suas pertenças" (2).

Consoante a tradição mineira que se vai estabelecendo, de construir-se com simplicidade as suas igrejas, mas zelando para que elas se apresentem ricamente ornadas, a fim de que se tornem dignas das pomposas cerimônias do altar, Lourenço cuida desde o primeiro momento em dotá-la convenientemente do seu guisamento e a faias. Dos negócios de diamantes, que era sua profissão no Arraial do Tijucó, na Demarcação Diamantina, o solitário português trouxera razoável cabedal, com o qual comprara a citada sesmária de terras, e do qual restaram oito mil cruzados, que destinou às obras da Capela, acrescidos das esmolas dos fiéis, que arrecadou, na qualidade de antigo esmoler que fôra da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco de Assis. É bem possível que, numa fase primeira de sua permanência no Caraça, ajudasse os meios insuficientes minerando nos ribeiros da Serra, à lembrança tradicional de que eram muito ricos em ouro. A ermida, tão logo concluída, se torna depressa conhecida:

...“e p.a od.o Retiro à Immitação das Thebaidas tem hido varios Homens q. conhecerão a pouca duração da vida, fazerem suas Confições Geraes, e purificam-se”. “P.a estes, ep.a o culto [Lourenço] procurou Sacerdote q. lhes administrasse opasto Spiritual”.

### E porque na Capela

“a perfeição, e aSeyo, eadoração he publica, dos Povos respeitada, ecom decente adorno, feshhe commodos como p.a Pessoas Clauzuradas, e a abasteceu, p.o Seu Suor, dasplantas p.a os vivers Substantivos” (3).

Pelo contexto dêsse 1º Requerimento, deduz-se que o fundador trabalha por etapas, à medida que vai amealhando os recursos necessários

“para hir em augmento o culto”.

Logo após a primeira informação do ex-jesuíta Manuel Moreira de Figueiredo, Vigário de Catas Altas, sôbre

“a decencia e capacidade da ermida”,

---

(2). — “2º Requerimento”, in *RAPM*, VI, p. 509.

(3). — “1º Requerimento”, *cit.*

vem o Vigário do Inficionado, em 10 de agosto de 1774, e nela celebra a primeira missa. Já a competente licença

“para benzer a Capella e os corredores e p. as pessoas serem enterradas na dicta Capella” (4)

será concedida cinco anos depois, a 2 de março de 1779; queremos crer que êsses “corredores” não são apenas as construções abertas em torno da ermida, mas também os “comodos” para irmãos eromeiros. O pedido para inumações na Capella sugere a existência ali, desde êsse ano, duma pequena comunidade permanente.

Mas, os acrescentamentos das obras irão continuar em 1783, quando Lourenço, por requerimento a Mariana, de 7 de março daquele ano, diz que

“quer mandar pintar a Capella-Mor e fazer as mais obras no Corpo da mesma Capella por cujo motivo e pella da Capella ser pequena se não pode celebrar decentemente na mesma Capella” (5).

As obras referidas são os corredores laterais onde se erigirão os altares dos Passos da Paixão; ainda não serão elas definitivas, porque o Irmão Lourenço, ainda nos primeiros anos do século seguinte, às voltas com a campanha pela vinda de missionários para o seu Hospício, estará construindo, reformando, pintando e ornamentando, especialmente a sua Capella, aquela igreja “de elegante arquitetura”, como a ela se referirão Aires de Casal e Monsenhor Pizarro, algum tempo depois.

Com efeito, a graciosa capella de pedra agradecerá a todos os que a visitarem.

“A ermida he pequena, mui assejada, e mui decente”:

— é obrigado a reconhecer o rezinguento D. Frei Cipriano de São José, Bispo de Mariana, que a vem conhecer, em 1805, para informar ao Governo Real —

“tem ornamentos, e vasos para o Divino Culto que oxalá os tivessem as Frequezias deste Bispado tão bem paramentados!” (6).

Mesmo o cientista Augusto de Saint-Hilaire, que por lá passa onze anos depois, não deixa de anotar, expressivamente:

---

(4). — “Licença p. a benzer a Capella” — ACC, Div. B, nº 3.

(5). — “Requerimento” de 7 de março de 1783 — ACC, Div. B, nº 8.

(6). — “Informação” in *RAPM*, VI, p. 511.

“A Igreja é estreita, mas muito ornada, e possui magnífica prataria” (7).

Ela é, de fato, pequenina. Comporta apenas cem pessoas, não pela vontade de Lourenço,

“porque o Fundador depois de formar grande extensão, foi proibido pelo Dr. Desembargador [?], dizendo que no Ermo, escusado era o fundamento de taes edificios” (8).

Mas, não importa o seu tamanho. Vale muito mais a sua “elegante arquitetura”. Isto revela bem a excelente planta do Caraça, ora em Lisboa, no Arquivo Histórico Ultramarino; em muito bom papel, a côres, parece-nos ter acompanhado o 1º Requerimento do Irmão Lourenço ao Príncipe Regente, em 1801-1802. De traçado muito nítido, exhibe uma primorosa perspectiva do conjunto da instituição, e, em especial, da Capelinha, ao centro do “risco”, graciosa como as que mais o sejam.

Ladeada pelas duas a'as residenciais, está construída sôbre o patamar de pedra, que domina a nobre escadaria que dá acesso ao Hospício. No plano térreo, arrima-se com cuidado sôbre as duas pilastras laterais, esbeltas como fustes de palmeiras, mas calçadas de socos sólidos no chão e ornadas de capitéis no encontro das cimbalhas, lá em cima. Dos próprios socos das pilastras suportantes, abre-se um largo arco romano, completando, pelas duas arcadas de cada lado, o pórtico da Capela.

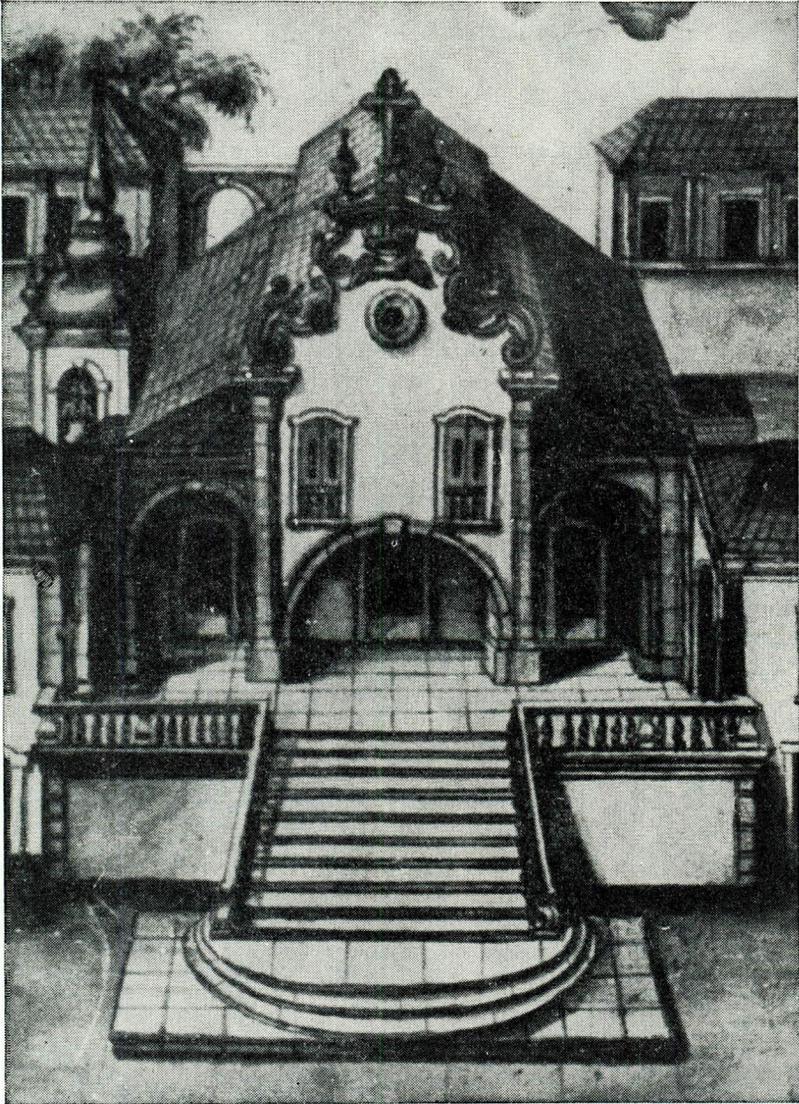
Mas a fachada — aquela fachada de brancura solar, que, em geral, “alaga” as igrejas portuguesas, na expressão de Aquilino Ribeiro (9) — se mostra mais enfeitada a partir do segundo plano, onde se deixa rasgar pelas duas grandes janelas do côro, de sólidas ombreiras e vêrgas recurvas, enquadrando em cima bandeiras treliçadas e no corpo as duas fôlhas com vidraças, sim, com vidraças, protegidas pelos guarda-corpos balaustrados. Sem cimbalhas à frente, ela exhibe agora o frontão, claro como a testa de uma criança, com um óculo redondo em relêvo, de pedra-sabão, sôbre o qual se assenta, também em belo relêvo de pedra-sabão, uma coroa da Rainha do Céu e Mãe dos Homens, sôbre asas cruzadas de serafins apocalípticos. As empenas, ainda lavoradas em pedra-sabão, ostentam nas extremidades caprichosas rôscas josefinas, em concheados e volutas,

---

(7). — *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. São Paulo, C. E. Nacional, 1938, 2 v, t. I, p. 194.

(8). — “História do Caraça” in *RAPM*, t. VI, p. 495.

(9). — *Arcas encoiradas*. Lisboa, Livraria Bertrand, 1962, p. 263.



A capela setecentista do Caraça, que foi dourada e pintada por Manoel da Costa Ataíde, em princípios do século passado (Planta do AHU, de Lisboa).

coroando a frontaria da Capela com uma feição de travessa cabeleira encaraco'ada. Apenas o acrotério, encimando o frontespício com a cruz latina, ladeada de dois vasos ornamentais, dá uma nota final de seriedade, tal um severo diadema sobre a alegre cabeleira. Impressiona, desde logo, nas linhas das concheaduras das empenas, sua semelhança com as molduras da pintura do teto da capela-mor da Matriz de Santa Bárbara, do mestre marianense Manuel da Costa Ataíde.

Sabemos que o grande artista pintou e dourou a Capela do Caraca (nos primeiros anos do século passado, com certeza entre 1801 e 1810), conforme declarou num auto judicial, em Mariana, no ano de 1827, como testemunha:

...“esteve” — assim depõe êle — “hum anno pouco mais ou menos empregado nas obras de pintura e douramento da Capella de N. Sra. May dos Homens da S. do Carassa por ajuste que tinha feito com o falecido Irmão Lourenço fundador da mesma Capella” (10).

Ocorre-nos, à face da semelhança acima sugerida, a seguinte hipótese: é sabido que Manuel da Costa Ataíde, exatamente por se ter especializado no difícil gênero de pintar tetos de igrejas, tornou-se também um excelente perito em arquitetura, como assevera o *expert* Carlos Del Negro, em sua autorizada obra *Contribuição ao Estudo da Pintura Mineira*. Ora, o Ataíde era grande admirador do Irmão Lourenço,

“em quem — declara ainda em seu depoimento de 1827 — reconheço sempre m.ta virtude, consciencia, e verdade” (11).

Era mesmo mais que admirador, era amigo e entusiasta do eremita,

“pello muito conceito que delle fazia e familiaridade que com elle teve” (12).

Não se seguiria daí que, além do ajuste da pintura e douração da Capela, sentindo o patético esforço de Lourenço em aparelhar o melhor possível a mesma Capela e o Hispício, sabendo quão parcos eram os recursos do amigo em tocar adiante as obras, não se decidiria o pintor (que também entendia de arquitetura) a ajudar, não só

---

(10). — “Códice 328” (Auto 7803), do Arquivo dos Cartórios de Mariana (DPHAN) (Minas), fls. 16v.

(11). — “Códice 328”, fls. 16.

(12). — *Idem*, fls. 17.

na pintura e na douração, mas também nas obras da Capela? Não poderia, pois, ser essa Capela, concluída nos primeiros anos do século passado,

“mui assejada, e mui decente” (D. Frei Cipriano) (13) ou “mui ornada” (Saint-Hilaire) (14) ou “de elegante arquitetura” (Aires de Casal e Monsenhor Pizarro) (15),

não poderia ser essa Capela do Irmão Lourenço obra do Alferes Manuel da Costa Ataíde? A própria planta do Hospício do Caraça — que teria acompanhado o 1º Requerimento a Lisboa — não teria sido traça do divo mestre marianense? Eis algumas perguntas que nos ocorrem, que convergem tôdas sôbre o Ataíde e sua presença no Caraça, através de sua amizade pelo Ermitão-mor, amizade tão grande que Lourenço, em seu Testamento, faz do pintor o seu testamenteiro. Pena que não aflore de nossas suposições uma nova luz reveladora, que pudesse trazer uma resposta definitiva. A história ultrapassa as formulações e exige provas. E, neste caso, os instrumentos de prova não existem mais. Foram destruídos, até a última pedra: o Pe. Júlio J. Clavelin, Superior do Caraça, em 1876, alegando a pequenez da linda Capelinha para as cerimônias das ordenações do Seminário Maior, que era então a Casa (em substituição ao Seminário de Mariana), pô-la abaixo, para em seu lugar erguer a igreja gótica atual.

Contudo, retornemos no tempo e conheçamos o interior da Capelinha de Lourenço. O altar-mor, dourado pelo Ataíde, deveria ser a peça mais sugestiva do conjunto. “Atrás do Santuário” — descreve-o uma testemunha de vista, o autor da mais antiga *História do Caraça* —

“por baixo do Throno está a sagrada e perfeitíssima imagem de Maria com o Menino no braço esquerdo e com o direito dando a benção. Em cima do Throno está o Senhor Crucificado imprimindo as Chagas em São Francisco d’Assis. (Vale recordar aqui que São Francisco das Chagas é co-padroeiro da Capella). Ao lado do arco cruzeiro a direita Santa Anna, e da esquerda a imagem de São João Batista no deserto: são obras da Cidade do Pôrto” (16).

---

(13). — “Informação”, *cit.*, *RAPM*, VI, p. 511.

(14). — *Viagem pelas Províncias*, *cit.*, t. I, p. 194.

(15). — *Corografia Brasileira*. Rio de Janeiro, Imprensa Régia, 1817, 2 v. t. I, p. 365; Pizarro e Araújo, Mons. José de Souza Azevedo — *Memórias históricas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Silva Pôrto e Cia., 1827, 9 v. t. VIII, p. 107.

(16). — *In RAPM*, t. VI, p. 495.

### A imagem de Nossa Senhora com o Menino Jesus ostenta

“duas Coroas de prata dourada, hua da Sra. e outra do Menino Jesus”.

Essas imagens chegaram logo depois das reformas e ampliações de 1783 e foram benzidas solenemente no dia 17 de maio de 1784, pelo Pe. Manuel Coelho dos Reis (17). Na banquetta do altar-mor, ladeando a imagem do Senhor Crucificado, com o seu “resplendor de prata dourada com hua pedra no meio”, podem ser admirados os candelabros “de jacarandá preto” da Bahia, que, com as três “alam-padas” que o Irmão Lourenço mandou botar, irão custar-lhe, em 1810, 830\$000. E sôbre a mesa da sacristia, às vésperas do culto, os sacros utensílios: dois cálices de prata dourada, “hum lizo, e outro lavrado”, com suas patenas cintilantes, uma âmbula ou píxide de prata dourada e uma custódia, também de prata. Atrás, e dos lados do altar-mor, as portas, para a sacristia, e para os corredores externos, devidamente guarnecidos de cortinas, arrimadas a sanefas de damasco, “com galoens, e franja d’Ouro” (18), mas que não são ricas tapeçarias de Arras, da Flandres, de Aubusson, nem mesmo Gobelinos, que nisso não são fortes os ornamentos das igrejas portuguesas. Pende diante do altar, de corrente prêsá ao teto, “hua Alampada de madeira prateada”, que se acende nos dias em que o Senhor Eucarístico está em casa. Penduram-se também, de cada parede lateral da capela-mor, espelhos de Veneza, dando ao ambiente aquêlê tom levemente frívolo, em que se sentem tão bem os filhos apessoados do século; e se vão dispondo, pelas paredes da nave, de espaço a espaço, os relicários sagrados, “seis placas de vidro, e seis ditas de esmalte carmezim”. O único móvel da capela-mor, a credência, está colocada ao lado da Epístola; sob o arco-cruzeiro, a mesa da comunhão, em forma de balaustrada de madeira de lei, quase certamente em jacarandá da Bahia trabalhado, e, logo abaixo, os púlpitos, um da banda do Evangelho, e o outro, gêmeo, da banda da Epístola, ambos pintados de branco, exibindo,

“em seus bojos ondeantes, o ouro de seus frisos recurvos e de suas fôlhas de acanto” (19).

Vale observar, nesta altura, quando nos estamos referindo às obras de talha da Capela, a importância que, não obstante a simpleza

---

(17). — ACC — Div. B, Doc. nº 7.

(18). — “Inventário”, *ct.*, *RAPM*, VI, p. 519.

(19). — Sarnelius — *Guia Sentimental do Caraça*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1953, p. 44.

arquitectônica de suas igrejas, deram os portugueses às obras de talha nelas. Principalmente a partir do Quinhentos até o século XVIII, encontram-se, em Portugal, primorosos a'tares de madeira entalhada; também nos palácios não são raros os portais, as torças, as janelas e os caixilhos trabalhados. Todavia, talhadores exímios foram os beirões e os minhotos, dentre os portugueses, que, ademais, são sempre excelentes artistas manuais. Havendo no norte do país abundante material de trabalho — o castanheiro vermelho, cujo cerne é brando como a cêra, mas resistente ao tempo como o aço — desenvolveu-se ali uma notável escola de escultura em madeira, de que são testemunhos, não apenas os atos exumados dos cartórios notariais, públicos e diocesanos, em que se passavam encomendas simultâneamente ao pintor e entalhador, mas também as obras de que se incumbiram no Brasil os mestres imigrados, principalmente as igrejas de Minas Gerais, a que não fazem igualmente os mesmos atos cartoriais de encomenda, que vem levantando tão prestantemente a pesquisa dos especialistas da DPHAN. Porém em Minas e na Bahia — onde se fez mais presente a transplantação artística portuguesa — à míngua do castanho vermelho, os entalhadores setecentistas e seus discípulos acharam outros materiais para a sua escola: a pedra-sabão, o feliz sucedâneo da “pedra d'ançã” beiroa, o jacarandá da Bahia, o cedro e outras madeiras de cerne macio. (Vem a pêlo observar aqui que nos surpreendemos, em 1964, em Braga, a ver diversos estatuários da velha capital minhota trabalhando com cedro brasileiro, importado especialmente, que acham mais dúctil ainda que o castanho vermelho nativo).

Contudo, a Capela de Lourenço acha-se habilitada a todos os atos litúrgicos, pois está perfeitamente servida do material sagrado. Eis que sôbre a credência repousam o par de galhetas de cristal, o missal na estante “com suas cobertas de Damasco”, as três sacras de esmalte, o turíbulo e a naveta de prata, as campainhas, e a caldeirinha d'água benta, com seu hissope metálico. Entrando-se na sacristia, depara-se logo, na parede do fundo, outro grande espelho de cristal, perante o qual o celebrante compõe a sua elegância sagrada, antes dos atos, mas que faz lembrar também o ambiente mundano do tempo, em que o requinte social das gentes vai ostentar-se nas igrejas e nas sacristias e prossegue nas cerimônias religiosas. Ao pé do espelho, “hum caixão com oito gavetas”, para guarda de paramentos e alfaias, é como um antigo cunhal para um bragal inteiro de roupas ricas: cinco casulas de damasco, com as quatro côres litúrgicas, e as estolas, manípulos e bôlsas, e véus correspondentes, cinco alvas, cinco amittos, cinco “cordoens, cinco Mezas de Corporaes, com suas bolças das cores competentes”, palas e sanguinhos, tudo de linho engomado e alvíssimo. De cada lado do “caixão”, um armário “de Guardar orna-

mentos”, tais como capas de asperges, véus, dalmáticas, opas, círios e castiçais, cruces, e a umbela de sêde branca “com franjas de retroz” para as procissões do Santíssimo. Sôbre uma mesinha, num canto da peça, com seu manustérgio pendente, o gomil de prata com sua salva lavrada a capricho, para as abluções das rubricas, no início e ao fim das cerimônias. O viajante A. de Saint-Hilaire impressiona-se com o que êle classifica de “magnífica prataria” da Capela (20). Essa prataria — tão do gôsto paradoxal da terra e gente do ciclo do ouro — poderia ter sido trabalhada a i mesmo, em Catas Altas, “terra de prateiros famosos” (na expressão do mesmo sábio viajante), talvez descendentes de especialistas minhotos, de Guimarães, onde se cultivou a arte da prata e do ouro desde o século XV, segundo o depoimento de Camilo Castelo Branco (21). Não sabemos se prateiro famoso, da terra ou minhoto, mas iniludivelmente um grande embrulhão, foi o ourives de Catas Altas Bento de Araújo Lima: em 1787, recebeu vinte e três marcos e cinqüenta e duas oitavas de prata limp’inha das mãos do Irmão Lourenço, que lhe encomendou “hua alampada” para a Capela. Três longos anos se passaram e nada, nem da prata nem da “alampada”, e Lourenço só conseguiu obtê-la de volta (a sua preciosa prata), pela mão da justiça (22)!

E’ muito provável que estivessem na sacristia, ao lado do Missal e do Ritual, os poucos livros existentes na Casa. Não passavam de vinte e sete, velhos e sem va’or (23). Livros religiosos, decerto, como na maioria absoluta eram os livros das Minas setecentistas. Ocorre aqui a lembrança de uma curiosa “livraria” (biblioteca) do lisboeta Antônio Vieira da Silva (aventureiro que deixa inventário, em Sabará, em 1720), que aparece enumerada nesse documento: *Ave e Eva*, de Antônio de Macedo; *A Entrada de Felipe no Reino de Portugal com todos os arcos que se lhe fizerão em estampa*; *Epitome Cronologico, Historico Genealogico*; *Corte confuza e Agonizante*; *Os quatro Novissimos do Homem*, de Frei Luís de Granada; um livro das Têmporas; *Obras*, de Francisco de Sá de Miranda; *Espelho de Religiosos*; *Soliloquios para bem Morrer*; *Quatro Máximas e Anxiomias (sic) tiradas da Consideração da Eternidade*; *Geneleologia (sic) de Nossa Senhora*, de Lope de Vega; (?) *Carpio o mesmo Lope de Vega intitulado Pastores de Belem*; *Pincel de Principes*; 3a., 4a., 5a., 6a., 7a. e 8a. parte da *Escola de Coriolano*, e o seu apêndice; *Doutrina de*

---

(20). — *Loc. cit.*

(21). — *O degredado (Novelas do Minho)*, 5a. ed., Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1945, p. 61.

(22). — MSS da Casa dos Contos, na Biblioteca Nacional, Doc. nº 109, 1º cofre, gaveta 8.

(23). — *Guia sentimental, cit.*, p. 134.

*Parocos, com os Sermões e praticas de todo o ano; Villa Castim; e outros mais livros* (24). Parece-nos a primeira coleção de livros, em Minas, pois o inventário é de 1720. Quase todos de inspiração religiosa, que, se encontrados nos bens de um padre e minerador, talvez também seriam achados alguns semelhantes na sacristia do Hospício do Irmão Lourenço, que os teria apenas para alguma leitura piedosa, para alguma meditação dos Novíssimos, das coisas eternas.

Antes que saíamos da Capela, para os vestíbulos laterais, olhemos o pequeno órgão — o qual, parafraseando o ilustre especialista Curt Lange, poderíamos imaginar construído na própria Capitania (e o Pe. Luís G. Boavida, nos fins do século XIX, iria construir ali, com madeira própria da terra, o atual órgão da Igreja), assim como o piano-forte, a que já nos aludimos — que conduzia os cânticos na Capela e que era tocado pelo escravo Leandro. E' de surpreender a existência ali, num local de acesso tão difícil, tanto do piano como do órgão. Houve muito amor à musica no Hospício de Lourenço.

De um lado e doutro da Capela, abrem-se os arcos de dois breves vestíbulos, que acolhem dois bonitos altares, “as duas mais notáveis e ornadas capelas” de Saint-Hilaire, em que a da esquerda é a capela do Senhor do Hôrto,

“aonde está por baixo do Throno um rico Thesouro, isto é, o corpo inteiro, e coberto perfeitamente de cêra de São Pio Martir, do que apparecem dois dentes de cima, as unhas das mãos e pés. No encôsto da cabeça está o sangue misturado com areia, dentro do calix de vidro”.

Essa relíquia de São Pio Mártir, que o Ermitão-Mor obteve de Roma, em 1797, para a veneração dos fiéis,

“com seis laminas com várias Reliquias, e hum Relicario, com-posto com a serie dos Apostolos com Santo Lenho no meio” (25),

é devidamente autenticada pela Santa Sé e grandemente visitada pelos romeiros que sobem a Serra. Os vestíbulos abrem-se, em seguida, por duas portas, para o corredor, em forma de ferradura, que ladeia externamente a Capela; de distância em distância, dispõem-se por êsse corredor os Passos da Paixão, com imagens apropriadas, enfeitadas com seus “Diademas de prata dourados”, sôbre as quais escreve o mesmo Saint-Hilaire:

---

(24). — “Livro Primeiro dos Inventários”, do Arquivo do Museu do Ouro de Sabará, fls. 93.

(25). — “Inventário”, *cit.*, *RAPM*, VI, p. 519.

...“estão longe de ser obras-primas; têm, todavia, suficiente expressão para que facilmente se reconheça a intenção do artista, e não se pode deixar de admirá-las quando se sabe que foram esculpidas por um homem que jamais tivera modelo ao alcance, e vivia na solidão nos confins da região dos Botocudos” (26).

Decerto algum dos conhecidos antigos de Lourenço, quando esmoler da Ordem da Penitência e minerador de diamantes no Tijuco (não mui longe do vale do Médio Jequitinhonha, onde demoravam os Botocudos), ou — o que é mais provável — algum amigo e companheiro de empreitadas artísticas do Alferes Manuel da Costa Ataíde. Incidentalmente cumpre recordar, a propósito da observação do viajante francês sobre a ausência de modelo nas mãos desse escultor anônimo, que de fato mesmo os grandes artistas mineiros trabalharam, à míngua deles, com livros litúrgicos, missais, principalmente. O Ataíde, segundo o Prof. Carlos Del Negro, valeu-se do Missal de 1736 para elaborar suas notáveis pinturas do teto da Matriz de Santa Bárbara (27). O Aleijadinho ter-se-ia valido de fonte semelhante para as suas esculturas e para os freqüentes versículos bíblicos que apõe nelas. Lamentavelmente a pobreza de documentos, no Caraça, a iás deplorada mais de uma vez pelos historiógrafos lazaristas Francisco Silva, Antônio da Cruz e Pedro Sarneel, alimenta pouca esperança sobre o desvendamento do nome e da identidade desse toreuta anônimo sertanejo, que surpreendeu até um esclarecido sábio estrangeiro. Uma última palavra sobre esse artista desconhecido: não seriam dêle os belos ornatos barrocos, que encimam a fachada da Capela, o óculo central, a coroa de Nossa Senhora, as asas dos serafins e as cimalthas “convólulas”, em pedra-sabão? Não parece provável que algum dia o saibamos, pois foi tudo pôsto abaixo, num gesto de quase vandalismo. E’ que quase nada ficou para contar a história: afora os dois altares laterais, a linda imagem setecentista de Nossa Senhora Mãe dos Homens, as relíquias de São Pio Mártir, um dos púlpitos, o Sino Grande (28) e a pia batismal (que transformaram em cha-

(26). — *Viagem pelas Províncias, cit.*, t. I, p. 194.

(27). — Del Negro, Carlos — *Contribuição ao estudo da pintura mineira*. Rio de Janeiro, Publicações do DPHAN, nº 20, 1958, p. 138.

(28). — Foi freqüente a fundição de sinos, nas Minas setecentistas: importava-se o material necessário (cobre, estanho e arame) e os fundidores preparavam os sinos. Há até a lenda de se misturar ouro à liga, para maior sonoridade dos sinos mineiros. Há notícias de uma fundição de sino, o das Almas, da matriz de São Miguel do Piracicaba, em 1727, como se lia na inscrição nêle existente, durando até 1792, quando “um tal José Antônio fundiu um sino maior, o do Sacramento, o qual foi quebrado pelos repetidos toques no funeral do Vig<sup>o</sup> José Pinto da Cruz, em jan.-1862. Em lugar dêste, no dia 21 de julho de 1869, José Luiz Caldas, residente em Ouro Preto, à rua das Cabeças, refundio outro” (“Memória do Ar-raial de S. Miguel do Piracicaba”, in *RAPM*, ano VII, p. 761). Em Congonhas

fariz de pedra-sabão, no jardim do claustro), não sobraram nem as pedras da Capelinha! Como também nada restou da torrezinha barroca, erguida num canto do mesmo claustro, que ostentava, gracioso, seu curioso zimbório duplamente “cucúrbito”, exóticamente oriental, traindo, quiçá, influências estéticas da Índia ou da China (29).

O que não pôde ser destruído foi o Calvário, um pequeno morro todo de pedras enegrecidas e ponteagudas, que se levanta à direita da ala dos romeiros. É êle muito pitoresco, com suas subidas ásperas e vegetação atormentada e rasteira, em meio a uma ou outra árvore de maior porte. Como o Hospício de Lourenço foi uma casa de oração e de penitência franciscanas — pois é também devotada a São Francisco das Chagas — aquêlê pequenino Alverne acabou sendo escolhido pelos irmãos como um santuário natural, ao ar livre, onde principiaram a correr a Via Sacra. Traçaram então as estações e escavaram em círculos as suas paradas, num caminho que ia dar no cume do morro, onde plantaram três cruces — o Calvário. Daí o nome que passou a ter o montículo. Cada estação constava de uma cruz de madeira fincada no chão pedregoso, ladeada de palmeiras, pois elas foram plantadas, desde o primeiro passo até o último, num renque muito sugestivo, que pode ser visto bem na planta de Lisboa. Os peregrinos vinham e, em procissão de penitência, de pés descalços e cabeças cobertas, subiam o Calvário, rezando e cantando, e fazendo a Via Sacra. Depois, desciam e vinham dar graças na Capela, aos pés da Senhora Mãe dos Homens (30).

\* \*  
\*

#### ABREVIATURAS USADAS NESTE TRABALHO.

- ACC — Arquivo do Colégio do Caraça (Minas Gerais).  
AHU — Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa — Portugal).  
Div. — Divisão.  
DPHAN — Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.  
*Loc. cit.* — *Locum citatum*.  
MG — Minas Gerais.  
MSS — Manuscritos.  
RAPM — Revista do Arquivo Público Mineiro.

---

do Campo, o administrador do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, Tomás de Maia Brito, mandou fundir mais três sinos para o campanário da igreja. Foi em 1793. “Para isso” — conta o Pe. Júlio Engrácia, em sua “Relação Cronológica” — “mandou vir do Rio de Janeiro, por intermédio do Capitão-mor José Roiz Costa, o cobre, o arame e o estanho necessário — no valor de 500\$000 e mandou fundi-los pagando ao fundidor [um francês, chamado Pedro Ribeiro...] 117\$600: as pedras e tijolos para os fornos custaram 13\$800” (*in RAPM*, ano VIII, p. 56).

(29). — V. Planta do Caraça, do AHU.

(30). — *Guia sentimental, cit.*, p. 147.